

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum ad destinatum persequor, ad bravium (triumphi Ecclesiae)... in Christo Jesu. id. 13, 14.

SUMMARIO:—QUANDO COMEÇAREMOS?, pelo Padre João Antonio Velloso. SECÇÃO RELIGIOSA: *Homenagem á Santissima Virgem no mes de Maio*, (continuação), pelo Padre J. A. T. N.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O Probabilismo, III*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO HISTORICA: *Outro manuscripto—O scisma da Egreja de Braga*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos.—SECÇÃO PARLAMENTAR: *Discurso de S. Ex.ª R.ª e Sr. Bispo da Guarda, na Camara dos Pares*.—SECÇÃO CRITICA: *Carta do Funchal*, por Athayde.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *I—O Ill.º e Ex.º Sr. Mono*, (pae dos sabios); *II—Lougúe e a sua egreja matris*, por R.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por A. de Guimarães.—RETRORPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.



O ILL.º E EX.º SNR. MONO (PAE DOS SABIOS)

GUIMARÃES 15 DE MAIO DE 1884

QUANDO COMEÇAREMOS?

INTERROMPI a serie de artigos que sobre a questão religiosa queria mandar para a imprensa só para dirigir aos leitores e aos catholicos de todo o paiz esta pergunta:

Quando começaremos os nossos trabalhos para a defeza dos sagrados interesses da religião, e da Egreja no nosso paiz?

Quando começaremos a combater legitimamente em prol da nossa fé religiosa, e das tradições gloriosas da nossa nação fidelissima? Quando despertaremos deste somno

fatal, que tem deixado aproximar os inimigos do baluarte das nossas crenças, e minar os fundamentos da nossa nacionalidade?

Quando sacudiremos este torpor, e esta inercia tão parecida com a do cadaver já putrefactivo?
Hora est jam de somno surgere.
E' tempo de accordarmos.

Despertemos, e vamos ao campo da legalidade e do direito escolher os cidadãos a quem confiaremos a guarda dos interesses da nossa religião, e do nosso patriotismo.

Levantemo-nos e trabalhemos *unidos* e disciplinados na preparação do nosso triumpho como catholicos.

Dêmos defensores à Egreja, bons representantes à patria, bons legisladores a esta pobre nação, tão trabalhada pelo *liberalismo* anticatholico.

O governo apresentou às Camaras um projecto de reforma à constituição vigente. E' um novo *emplasto* para tapar os poros, *mollificar o tumor* republicano, e confortar a monarchia. E' uma reforma que deixa subsistir os mesmos erros; que não corrige os defeitos, que não preenche as lacunas, e que mais agrava a situação da Egreja lusitana, apertando ainda mais as cadeas com que o *liberalismo* a ligara. Vae ser submettida à approvação d'uma Camara constituinte, que o paiz elegerá, em breve.

A urna eleitoral vae dar à nação os eleitos do povo para juizes desta reforma: a escolha é do nosso direito, do direito do povo, e a consciencia e o patriotismo obrigam-nos a votar nos mais dignos, nos mais capazes de condemnar o que nesta reforma ha de liberal ou antireligioso e como tal nocivo ao paiz.

Ficaremos ainda, desta vez inertes e inactivos, ó catholicos, quando o nosso chefe, o nosso melhor conselheiro o Papa nos recommenda *actividade*, energia nestes tempos tão calamitosos para a Egreja? Daremos ainda uma vez a victoria aos inimigos da nossa fé, que o são da patria, e da Egreja?

Ouviremos ainda outra vez a exprobração dos nossos adversarios que nos dizem, que nos repelem, a cada passo — «a culpa é vossa, a culpa é do clero, a culpa é do povo?»

Deixaremos ainda a mais sancta das causas, e os mais caros interesses da religião e da patria nas mãos de adversarios declarados, ou de homens imbecis e inertes?

Por Deus, não seja assim: entremos resolutamente no caminho do dever, quando a elle nos chama a voz da Egreja, e os gemidos da patria.

Não vamos revolucionar o paiz, não vamos chamar o povo à revolta, não vamos derramar o sangue portuguez em luctas fratricidas: vamos ao campo do nosso direito disputar um triumpho, que de ha muito devia ser nosso, e não o foi nunca: uma victoria que se perdeu sempre por culpa da nossa apathia, e da nossa indifferença.

E' incruenta e nobre esta lucta do direito contra a força; dos homens de consciencia contra os inconscientes da

responsabilidade moral do voto, contra a phalange dos *automatos* da autoridade ou dos *galopins* mercenarios.

Ha meio seculo que a religião e a Egreja portugueza não tem no seio da representação um numero de deputados, sinceramente empenhados no bem da religião e da patria para faser rosto ao inimigo da nossa fé, o *liberalismo*, que das cadeiras do poder tem decretado espoliações, violencias e injurias à propriedade, ao direito e á doutrina e disciplina da Egreja catholica.

E agora que pela reforma da carta constitucional se tenta um novo *ultraje* ao direito ecclesiastico, legislando-se contra a authority do Pontifice e ampliando o *abuso do beneplacito* a todas as Lettras apostolicas, como se foram *contrabando* os ensinamentos do grande Pastor universal, as leis que dimanam da suprema cadeira, e as mesmas graças e concessões da benignidade apostolica do Vigario de Christo: agora que podemos e devemos obstar a este maior mal, e darmos prova da nossa hombridade e da nossa dedicação, ficaremos apathicos e indolentes?

Mas como entrar nesta campanha sem chefes, sem guias, sem tactica, perguntar-nos-hão? Eu o direi aos que quizerem ouvir.

Não temos nada d'isso, é verdade porque nem sequer tentamos ainda a sorte, ainda não começamos a empresa, ainda estamos à espera do *milagre* do cerco de Jericó. Esperamos que os muros do *liberalismo* se abatam só com o soar das *trombetas* da imprensa, e sem ser necessario aproximarmo-nos dos inimigos.

Mas *comecemos*, mas tentemos a praça, pondo-nos em campo, que não faltarão chefes nem guias, nem a tactica necessaria para vencer.

Não se faz a guerra sem gente; logo o primeiro trabalho é o *recrutamento*. Alistem-se os catholicos, contem-se, enfileirem-se, e logo terão um chefe. Se aquelles a quem de direito pertence o *commando*, a direcção, não se apresentam, nem delegam o seu poder, e o seu direito, elejam os soldados o seu *commandante*; dê-se ao mais activo, ao mais corajoso e ao mais prudente a direcção das forças.

A Egreja catholica é como um exercito já organizado. Os legitimos *commandantes* desta milicia são os bispos; o *generalissimo* é o Papa.

Se os snrs. bispos, ou por não verem numero bastante de *soldados* bem disciplinados, ou por julgarem *prudente* ainda a abstenção não vem collocar-se á frente desta *reacção* só armada do direito e da legalidade, ordenemo-nos sob o *commando* do seu *locotenente*, do *parochio* ou do *sacerdote* activo, zeloso e circunspecto.

Sob este chefe e conselheiro, ou, na sua falta sob outro, mesmo leigo que inspire confiança ao povo escolha-se, e convide-se a acceitar o mandato um candidato sincero, e provadamente catholico, e faça-se convergir nelle o maior numero de *votos*. A urna hade mostrar o quanto pode uma dedicação, e um esforço bem dirigido.

Cada parochia deve ser uma *companhia* deste aguerrido exercito; cada parochio um *capitão*.

Sem disturbios nem offensas a alguém, empregando somente a força da persuasão, o conselho prudente, a lição do passado, e a esperança d'um melhor futuro, animem-se reciprocamente, compenetrem-se do imperioso dever de defender a Egreja e livrar a patria de maos governantes, e fiquem inabalaveis na sua resolução e firmes no seu voto até ao momento decisivo do combate.

O exemplo das outras nações deve ser um incitamento para nós. Na Alemanha começaram, ha annos, os catholicos uma lucta eleitoral contra o governo perseguidor da Egreja, e hoje tem uma força moral bastante forte para o obrigar a ser moderado e justo para com a Egreja catholica.

Na França os catholicos desmancham os planos dos revolucionarios, dotando e sustentando, a expensas suas, os estabelecimentos, e escolhas christãs que os bispos resolveram manter, como indispensaveis. Em toda a parte onde a revolução quer dominar a Egreja, e escravizar-a, a dedicação catholica estuda e applica os meios de a combater.

Porque não *começaremos* nós, desde já, a combater as tendencias revolucionarias dos nossos governantes? Porque não daremos á representação nacional valorosos defensores da nossa fé e do nosso patriotismo?

Pouco vale, bem o sabemos, esta voz de alarma, este incitamento ao povo catholico para ir à urna unido e compacto votar em candidatos que se comprometam a sustentar corajosamente as doutrinas e leis da Egreja no parlamento. Mas relembrando estas palavras do nosso grande Chefe, o Pontifice romano — «*Ninguém permaneça inerte e inactivo em tempos de tamanho perigo*» — é nelleas que os catholicos devem fortalecer-se e incitar-se como soldados obedientes e christãmente disciplinados. Comecemos, que é tempo de procurar no uso do nosso direito e na sinceridade da nossa dedicação o remedio aos nossos males.

Ha uma grande força no clero, a força da persuasão; ha em todo o catholico uma influencia aproveitavel para se empregar em favor desta nobre causa, não a inutilisemos pela nossa apathia.

E' deploravel a situação da Egreja no

nosso paiz: ella soffre escarneos e violencias de todos os governos liberaes: é como escrava que geme sob o latego do seu dominador. Os seus oppressores tornaram-se fortes, porque nós, filhos da escrava, nos mostramos fracos e cobardes. Riem-se da mãe e dos filhos e tripudiam cantando-lhe o hymno da liberdade; e nós deixal-os-hemos continuar a rir da sua dor, e da nossa fraqueza?

Eia, despertemos; soe dentro d'alma, como tuba a chamar-nos a voz do angustiado chefe desta milicia sancta. «Ninguém continue inerte e inactivo que são perigosos os tempos para quem dorme.» E' o Vigario de Christo que nos chama.

P.º JOÃO ANTONIO VELLOSO.

Secção Religiosa

Homenagem á Santissima Virgem no mez de Maio

(Continuado do n.º anterior)

II

Homenagens prestadas a Maria pelos Poderosos da terra, pelos Principes, pela Literatura, pela Pintura, pela Musica, pela Architectura—As Nossas Senhoras.

O CULTO de Maria remonta á sua Assumpção gloriosa em todo o orbe catholico; em o nosso bello Portugal principia com a monarchia. Nasce o nosso primeiro rei D. Affonso Henriques em Guimarães aos 25 de julho de 1109, mas nasce em um tal estado de fraqueza e tollido das pernas que seu aio Egas Moniz e seu pai o conde D. Henrique quasi que perderam as esperanças que tinham posto n'elle. Diz a tradição que, andando n'estes cuitallos seu pai e seu aio, Nossa Senhora apparecera a Egas Moniz e lhe ordenara que fosse a Círcula e fizesse cavar n'um lugar que ella lhe indicou, e alli acharia uma ermida subterranea que lhe era dedicada e uma sua imagem. Que passasse alli uma noite de vigilia e puzesse o menino sobre o altar aos pés da imagem e logo alcançaria saute. Egas Moniz assim o fez e D. Affonso ficou logo são. Este grande rei soube ser reconhecido a tanto singular beneficio, mostrando por toda parte o seu amor e dedicação a esta Virgem sua protectora, pois como promettera a seu aio, sempre o favoreceu nas suas empresas e elle mostrou-se cada vez mais seu devoto levantando-lhe altares e templos por toda a parte; escolheu-a por protectora do seu reino e conquistou sob o titulo de N. Senhora da Anunciação com feudo em cada anno offerecido ao Mosteiro de Claraval em

atenção a S. Bernardo que o dirigia. Em acção de graças pela grande victoria que alcançou sobre os Mouros na tomada de Santarem fez voto de edificar á Ordem de S. Bernardo o mosteiro de Alcobaca, como na realidade edificou; em Santarem ainda hoje existe o templo de Santa Maria de Alcaçova no lugar onde era o forte dos Mouros, dotou-o e estabeleceu-lhe uma Collegiada e em cada uma das portas da entrada para a villa levantou uma capella em honra de N. Senhora. Uma ás portas de Leiria N. S. de Guadalupe onde está hoje a Senhora da Piedade. Outra N. Senhora do Bom Successo que está em S. Nicolau. N. Senhora da Madre de Deus. Santa Maria de Alcaçova e outra na calçada de Alamarma hoje na Igreja da Graça. Em fim tal foi a sua devoção para com a Virgem Santissima que o numero de templos que lhe erigiu contando mosteiros e ermidas excede o de cento e cincoenta.

A Rainha Santa Izabel foi a primeira que, n'este reino, e segun lo alguns auctores em todo o mundo, fundou uma capella á Immaculada Conceição de Maria, collocando-a na Igreja da Trindade que então se edificava em Lisboa, ten lo primeiro consultado em Coimbra o Bispo D. Raymundo sobre o culto da Immaculada Conceição, ao que o piedoso e douto Pontifice annui, publicando uma Constituição em que estabelecia a festa da Immaculada Conceição na sua Diocese a 8 de dezembro.

D. João I deven lo a Maria Santissima de quem era verdadeiro devoto, a sua grande victoria de Aljubarrota, onde com forças mui desiguales venceu a El-Rei D. João I de Castella, levantou em acção de graças á sua protectora o celebre mosteiro de Nossa Senhora da Victoria e o templo se chama ainda hoje Igreja da Batalha.

A Rainha D. Leonor mulher de D. João II foi tambem singularmente devota da mesma Senhora e fundou debaixo da sua invocação o mosteiro da Madre de Deus, em Xabregas, e outras Igrejas e conventos, merecen lo distincto lugar entre as suas fundações a Santa Casa da Misericordia de Lisboa debaixo dos auspicios da mesma Senhora.

D. Manuel, por especial devoção á Santissima Virgem, fundou-lhe em Lisboa a Collegiada da Conceição.

El-Rei D. João IV foi tambem devotissimo da Senhora, particularmente no mysterio de sua Immaculada Conceição, em que renovou o padroado do reino, com um censo á sua capella de Villa-Viçosa, fundação de D. Nuno Alvares Pereira, e jurou de a defender e manter jurar em Cortes e na Universidade de Coimbra e pôr pelas portas da cidade padrões que dizem:

A Virgem Maria, Mãe de Deus foi concebida em graça sem peccado origi-

nal. Entre estes padrões nas portas mais publicas da cidade lia-se:

Eternit. Sacr.
Immaculatissimæ
Conceptioni Mariæ
Joan IV Portugall. Rex
Una cum general. comitiis
Se, et regna sua
Sub anno censu tributaria
Publice vovit,
Atque Deiparam in imperii Tutelare
Electam
Alabe originali præservata perpetuo
Defensurum
Juramento firmavit
Viveret ut pietas lusitan.
Hoc viva lapide memoriale
Perenne
Exarari jussit
Ann. Christi M. DC. XL. VI
Imperii sui VI. ●

João IV Rei de Portugal
Em Cortes com os tres estados do Reino
Votou publicamente
A sua pessoa e seus reinos
Annualmente tributarios
A' eternamente Sacratissima
Immaculatissima
Conceição de Maria
E firmou com juramento
Defender sempre
Que a Mãe de Deus
Que elle escolhera
Para Padroeira de seu Reino
Fora isenta do peccado original.
E para que a devoção dos Portuguezes
Se perpetuasse
Mandou gravar em viva pedra
Esta perenne memoria
No anno de Christo MDCXLVI
VI do seu reinado.

Não foi menor a devoção de D. João V para com a Santissima Virgem consagrando-lhe as duas Basilicas de Mafra e de Lisboa e ordenando por Carta firmada da sua Real mão de 12 de novembro de 1717, a todos os Prelados das Cathedralraes e Collegiadas do Reino, que nas suas Igrejas fizessem celebrar a Festa da Purissima Conceição, com as maiores demonstrações de solemnidade e grandeza. Elle mesmo jurou defender este dogma e ordenou que a Academia de Historia portugueza o fizesse, o que solemnemente teve lugar na capella do Paço aos 15 de dezembro de 1733.

El-Rei D. Manuel dedicou-lhe o mosteiro dos Jeronymos em Belem, e D. João VI instituiu em sua honra a ordem militar da Conceição.

Emquanto Portugal teve verdadeiros devotos de Maria em seus imperantes nunca a sua protecção lhes faltou e então foi grande!

Em França o culto da Virgem Immaculada principiou tambem com a mo-

narchia. Clovis lançou, sobre as ruínas d'um templo de druidas, ainda tinto de sangue humano, a primeira pedra de Nossa Senhora em Paris e Childeberto acaba esta magnífica cathedral que o bispo de Paris Mauricio de Sully ornou do modo que hoje está em 1450.

Carlos-Magno, este grande vulto que se perde na escuridão das legendas dota Aix-la-Chapelle com muitas imagens da Virgem (1). Roberto de França chamou a Maria a *Estrella do seu reino* e instituiu-lhe no dia 8 de setembro de 1022 uma ordem de trinta cavalleiros. Estes novos atheletas traziam sobre o peito e do do coração, uma estrella d'ouro de cinco pontas.

A sua regra impunha-lhes a obrigação de rezarem todos os dias o terço com algumas orações compostas pelo seu fundador. Os reis, os mais naturalmente independentes do chefe da Egreja não eram d'aquella que podemos chamar Mãe da Egreja. Assim no mez de agosto de 1304 Philippe o Bello vencedor dos Flamengos veio a cavallo e no meio da confusão em que se sae d'um combate, agradecer a Nossa Senhora de Paris o grande favor da victoria a quem elle attribuia toda inteira.

A estatua equestre d'este soberano, levantada outr'ora á entrada do choro da antiga basilica, era uma brilhante testemunha do que acabamos de narrar.

Os maiores príncipes da casa de Lorena eram piedosamente devotos da Santissima Virgem. Ferry conde de Vaudemont funda Nossa Senhora de Sião, e René vencedor de Carlos o Temerario, Nossa Senhora do Bom Soccorro, aonde repousam os restos do rei Stanislaw, e o coração de sua filha Maria Lekzinska, mulher de Luiz xv. Em Flandres encontramos barões que tomam o nome de Maria como grito de guerra. Em Bolonha, o heroico João Sobieski para repeller as invasões do islamismo não tem mais que tres mil homens e o nome de Maria. Antes da batalha de Hastings, Guilherme o Conquistador manda benzer seus estandartes e pede victoria em nome da Virgem *toda Sancta*.

No vasto Reino da Hungria não havia senhor por mais poderoso que fosse que não dobrasse o joelho ao nome de Maria. Em Constantinopola, a filha de Theodosio II manda construir sob a invocação de *Panagia* tres soberbas Egrejas, n'uma põe sobre um altar brilhante d'ouro o precioso retrato da Virgem Maria, enviado d'Antiochia, e feito por S. Lucas sobre o modelo augusto da Virgem pura. Na Peninsula vemos ao som do sino, o passeador parar, o artista sus-

pendar seu trabalho, as conversações cessarem, as guitarras emudecerem, o grande do Reino descobrir sua altiva frente que tem o direito de ficar coberta deante a realza, e a multidão recolhida, murmurarem em voz baixa, a meia voz *a supplica do Perdão*.

Em Veneza os dogues fazem pintar de joelhos deante da Virgem a Rainha dos ceos. Christovam Colombo na sua famosa carta da Jamaica, escrita ao rei em 1503 entrega-se por um tocante abandono *Aquella que se compadece dos desgraçados e dos opprimidos*. Lega depois a Génova, sua cidade natal, as suas *liras da Virgem*, dom da paga no momento em que elle partia para a conquista de um outro hemispherio.

O Italiano vê no culto da Virgem, por assim dizer, toda a religião. A madona é para todos, mesmo para os maiores criminosos, um objecto de veneração e de amor. Quando Cimabuó, depois da tomada de Constantinopola, mostrou aos Italianos, sua primeira madona, hoje exposta na capella de Rucceblai em Sancta Maria-Nova de Florença, todo o povo se commoveu e encheu de entusiasmo, e accompanhou a Santa imagem a travéz da campanha, cobrindo-a com todas as flores do Arno.

Este excessivo desenvolvimento dos sentimentos ternos pode ter seus abusos, conhecemol-o, porque deve ser temperado, moderado pelo temor este outro elemento da boa ordem. Mas o que não é menos uma grande e bella cousa esta confiança de todo um povo, este culto umas vezes simples e pueril, outras vezes grandioso e sublime, prestado a esta filha do antigo Jacob que tam generosamente veio em soccorro das miserias humanas.

(Continúa.)

O professor do Seminario Patriarchal, P.º J. A. T. N.

Secção Scientifica

O PROBABILISMO

III

Como dissemos no artigo precedente, a Egreja até hoje não se tem pronunciado pró ou contra a doutrina do *probabilismo*. É uma questão que ella tem deixado á livre disputa dos theologos catholicos.

Em consequencia d'isto, os auctores de *theologia moral* largamente discutem este ponto, abraçando em seguida o parecer que julgam mais bem fundamentado, em harmonia com os principios eternos da justiça e da razão que nunca devem perder-se de vista na decisão dos casos particulares.

D'aqui resultaram os dous systemas theologicos: o benigno ou o *probabilismo*, e o rigoroso ou o *probabiliorismo*. Um e outro tem por si grandes defensores, ainda que é certo que desde certa epocha, e em nossos dias, tem prevalecido o primeiro systema, isto é, o *probabilismo*, do modo que o defende Santo Alfonso Maria de Liguori, ultimo doutor da Egreja.

Ninguem contesta que o illustre Bispo de Santa Agueda dos Godos, no reino de Napoles, já santo aos olhos do mundo antes de ser offerecido pela Egreja á veneração dos fieis, sustentou tenazmente o *probabilismo* com a sua palavra auctorisada, e lhe deu força pela eloquencia de suas virtudes e pela pureza de sua moral pratica.

É, o que é notavel, é que isto succedeu no meiado do seculo xviii, quando toda a Italia resoava com os clamores de Concina e de Patuzzi contra o systema probabilistico.

Sobre o resultado pratico d'esta questão, convem ouvir o que diz o P. Pallavicini, pio e douto theologo, insigne director das consciencias.

Eis aqui as suas palavras:

«Deveis ser probabilista ou probabiliorista? Respondo que não tenho auctoridade para decidir esta grande questão; que isto mesmo não é necessario ao meu intento.

«Com effeito, até aqui tenho feito estudo para não contradizer algum dos dous partidos, e para não proferir cousa alguma que não possa ser admittida por um e pelo outro.

«Sede o que quizerdes, com tanto que o sejas com as precauções convenientes. Sendo assim, evitareis, e é isto tudo o que eu desejo, o verdadeiro laxismo e o rigorismo reprehensivel.

«Com estas precauções, não haverá mesmo uma grande differença, seja qual fór o partido que tomeis.»

O referido auctor, cuja obra foi solemnemente approvada e louvada em Roma pelo celebre D. Joaquim Ventura de Raulica, por ordem do papa Leão xii, falla sempre com esta prudencia sem se declarar expressamente pró ou contra o *probabilismo*. Apesar d'isso, conhece-se que elle se inclina para o systema probabilistico, o qual defende da nota de relaxação infligida por alguns auctores.

Sem nos declarar-nos aqui expressamente por um ou por outro systema moral, como já temos dito, asseveramos que, tomando as precauções devidas, o *probabilismo* nada tem de relaxação, e, sendo assim, a moral do probabilista não pôde ser por isso defeituosa.

De seu lado, como o *probabiliorismo* não pôde lisonjear-se de ser infallivel nos casos particulares, ainda que em theoria pareça mais bem fundado, aquelle que o segue nunca pôde ter a certeza

(1) Entre outras reliquias preciosas, a cathedral d'Aix-la-Chapelle possui a trompa de caça de Carlos-Magno, aonde se lê: *Dein Ein*.

de ser n'esses casos mais feliz do que o probabilista.

Ora, como a moral quasi toda versa sobre questões particulares, o corpo quasi inteiro d'esta sciencia poderá portanto ser puro no probabilista, assim como no probabiliorista.

O essencial consiste em applicar bem os principios geraes que servem de regra a um e outro, evitando com todo o cuidado os extremos de laxismo e rigorismo que são egualmente condemnaveis e condemnados.

Não obstante o que teem pretendido alguns auctores, demasiadamente rigoristas, e muitos d'elles sequazes do partido de Jansenio, ou inclinados ao jansenismo, a Igreja a quem só pertence o decidir infallivelmente do merecimento d'uma opinião, a Igreja nunca infligiu a nota de relaxação ao *probabilismo* bem entendido.

Na verdade, ella condemnou o abuso e a falsa applicação de seus principios a certos casos e a certas questões particulares, mas nunca o *probabilismo* em si mesmo e em these geral.

A Igreja condemnou, por exemplo, o uso da opinião menos provavel em materia de sacramentos, etc.; mas não é isto condemnar o *probabilismo* bem entendido, pois que elle mesmo exceptua os casos de validade ou quasi validade.

A Igreja condemnou um grande numero de proposições particulares, como demasiadamente relaxadas, tendentes a arruinar a observancia da lei de Deus, e a introduzir a corrupção nos costumes.

Isto é verdade; mas estas proposições particulares eram um abuso, uma applicação do *probabilismo*, de modo nenhum a consequencia legitima dos seus principios.

Por outra parte, a Igreja tem condemnado certas proposições como demasiadamente severas; mas ninguém conclue que ella proscivesse o *probabiliorismo*.

E' notavel o que diz Nicolau Dubois, doutor de theologia e professor na universidade de Louvain. Na sua erudita obra sobre as proposições condemnadas por Alexandre VII, explicando cada uma d'estas proposições, nomeia seus auctores e mostra claramente que a maior parte d'ellas foram ensinadas por dous anti-probabilistas declarados: Vicente Baron e Thomas Hurtado.

E' necessario, pois, reconhecer que os erros de relaxação, em que cahiram alguns auctores, não devem ser attribuidos ao systema probabilistico.

Houve tempo em que muitas pessoas fizeram instancias á Santa Sé para obter a condemnação do *probabilismo*, mas em vão; e a prova de que esta condemnação nunca foi obtida, é que, em todas as partes do mundo catholico, um grande numero de doutores teem sempre conti-

nuado, e ainda continua, a sustentar o *probabilismo*, sem contradicção alguma dos Soberanos Pontifices e dos Bispos.

Depois, deram grande força ao *probabilismo* Santo Alfonso de Liguori e o B. Theophilo de Corte (franciscano, fallecido em 1740).

Um e outro sustentaram esta doutrina, o que não obstou ao processo da sua canonisação e beatificação.

O P. Ambrosio Potton, na sua obra *Theoria do probabilismo*, que já citamos, apesar de não abraçar este systema, em tudo o mais se conforma com a doutrina do santo Bispo.

A sua obra, todavia, pôde servir de orientação a quem desejar esclarecer-se devidamente sobre este assumpto tão disputado entre os moralistas.

Em respeito ao *probabilismo*, ha quem pretenda que Santo Alfonso Liguori retractou esta doutrina antes de morrer. Prova-se, porem, o contrario por uma carta escripta pelo santo pouco antes de apparecer perante Deus.

Le-se n'esta carta:

«A minha avançada idade e as minhas enfermidades me advertem de que apparecerei em breve deante de Deus; porem consolo-me em pensando que a minha sentença eterna será dada não pelo padre Patuzzi, mas sim por Jesus Christo que vê o fundo dos corações. E' verdade que temo o juizo por causa dos meus peccados, mas de modo nenhum por causa da opinião que sustento (o *probabilismo*), pois me parece de tal maneira certa, que só a Igreja m'a poderia fazer abandonar. N'este caso submetterei o meu juizo á sua infallivel auctoridade, mas obedeceria sem saber porquê.

«Não tenho remorso algum de haver sustentado o meu systema tocante ao *probabilismo*; que digo? o meu maior remorso seria usar o systema contrario na instrucção dos outros, bem que apoiado na opinião de certos auctores modernos. Eu no ensino segui o conselho de S. Chrysostomo: *Circa vitam tuam esto acerbus, circa alienam benignus.*»

Quando se tratou da canonisação de Alfonso de Liguori, foi lida esta carta, e a Sagrada Congregação dos Ritos declarou que o santo tinha praticado a prudencia em grat heroico, e que o *probabilismo* nunca fôra censurado pela Igreja.

E' necessario ter isto em consideração, quando se queira combater o systema probabilistico, o que é permitido.

P.º JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Secção Historica

OUTRO MANUSCRITO

o selisma da Igreja de Braga

(Continuado do n.º anterior)

2.ª PROPOSIÇÃO

A NOMEAÇÃO do Bispo de Coimbra não foi intempestiva, nem faltaram as formas prescriptas, estabelecidas no mesmo concilio, nem era obrigado a fazel-a=logo immediatamente=nem a palavra=tunc=tem essa precisa e energica significação.

O concilio nada innovou a respeito do suffraganeo, nem em quanto ao tempo, nem em quanto ás circumstancias: deixou-o no mesmo estado, em que se achava, isto é, sujeito ao antigo direito; este concedia-lhe tres mezes, e a indulgencia do nisi justo impedimento cessant. E' verdade que os tres mezes tinham ha muito espirado; por isso collocou-se fora da regra; mas vejamos se ao menos estaria na excepção, isto é, se teria justo impedimento para a não fazer mais cedo.

O Bispo de Coimbra, em quanto foi vivo o Bispo d'Aveiro, não era o mais antigo Bispo dos suffraganeos; o concilio ainda o nao chamava. Fallecido o Bispo d'Aveiro, ficou o de Coimbra sendo o mais antigo Bispo dos suffraganeos; então é que adquiriu o direito, e contrahiu a obrigação de supprir os erros do Cabido; eram já passados quatro annos: Mas em que estado se achava elle naquelle tempo? Umaz vezes preso, outras fugitivo, escondido, e por muito tempo incommunicavel: em tal situação, como podia elle tomar as sufficientes informações, que tão necessarias lhe eram para bem cumprir o seu dever? Passou-se muito tempo, sem que lhe fosse possivel esta indispensavel diligencia. Mas logo que se lhe appareceu occasião oportuna para certificar-se do estado da sua metropole, não hesitou por mais tempo em satisfazer ao que o concilio d'elle exigiu. Nomeou portanto, quando pôde, e logo que pôde; consequentemente obteve o favor da lei: se a sua nomeação foi tardia, ainda foi a tempo, e dentro dos limites da lei.

Nem mais do que isto pede a palavra tunc do texto, a qual em nenhum dictionario tem significado energico, que se lhe dá: ella nada mais significa do que=então=isto é, em tal caso havendo ommissão, o suffraganeo nomeará: em quanto tempo? O concilio não responde, cala-se: pois responde a Decretal=logo que possu=assim o fez o Bispo de Coimbra; consequentemente.

A nomeação do Bispo de Coimbra não foi intempestiva, nem faltaram nella as

formalidades prescriptas no concilio; nem era obrigado a fazel-a logo, immediatamente, sem demora; nem a palatvra=tunc=tem essa precisa e energica significação.

3.ª PREPOSIÇÃO

«Não foi incompetente a nomeação do Bispo de Coimbra, e supposto passarem cinco annos nem por isso se constitui negligente: e no caso de ser o suffraganeo negligente, nem por isso fica livre o poder de nomear nas mãos do Cabido; e ainda que ficasse, não reside nelle essencialmente».

Parte desta preposição já fica demonstrada: isto é, se passaram cinco annos, é por que teve impedimento e a lei concede-lhe essa indulgencia;=se nomeou quando pôde, e logo que pôde, não foi negligente—Resta-nos agora provar, 1.º que ainda no caso de negligencia no suffraganeo, nem por isso fica livre no Cabido o poder de nomear. 2.º e ainda que ficasse, não reside nelle essencialmente.

1.º Havendo negligencia no suffraganeo, nem por isso pode o Cabido nomear; mas passa ao superior, que a elle immediatamente se seguir.

Venha outra vez o direito Canonico; seja o Cap.=*Ne pro defectu=diz elle=Né pro defectu Pastore Gregor Dominicus lupus rapere invadat; status Dominus, ut ultra tres menses Cathedralis Ecclesie non careat Prelato, intra quos justo impedimento cessante, si electio celebrata non fuerit, qui eligere debuerant, eligendi potestate careant ea vice: Ac ipsa eligendi potestas ad eum, qui proxime pro esse dignoscitur devolvatur.*

Deste texto inferem todos os canonistas que o poder de nomear, havendo negligencia, não retrocede mas marcha sempre diante; não reverte ao primeiro negligente, mas vai sempre progressivamente buscar o superior mais proximo, o qual em o mesmo caso é o Papa; eis aqui as mãos em que elle ficaria livre, se o Bispo de Coimbra tivesse negligencia: logo dada esta, o poder não fica nas mãos do Cabido livre, mas preso até que o superior proximo ao Bispo, isto é, o Papa nomeasse; e somente na vacatura posterior a esta nomeação, é que se *soltava* nas mãos do Cabido para este continuar as suas nomeações. Podemos por tanto concluir. Logo

1.º *«Ainda que o suffraganeo seja negligente, não pode o Cabido eleger.»*

2.º *«O poder de dar Prelados a Igreja reside essencialmente em seu divino Fundador, qual o recebeu do seu Eterno Pai «Sicut misit me Pater» eis aqui onde essencialmente reside o poder de mandar governadores a Igreja, o qual o communicou a seus apóstolos «et ego*

*mitto vos (1)» Estes o deixaram em herança a seus successores os Bispos; e não os Cabidos, é que o Espirito Santo constitue presidentes, guardas e governadores na Igreja de Deus, in quo vos Spiritus Sanctus posuit Episcopos regere Ecclesiam Dei (2) Nestes é que se pode dizer com exactidão, que reside essencialmente o poder de nomear Prelados, que administrem e governem a Igreja se este poder reside nos cabidos não é *ex natura sua*. A Igreja lh'o dá, a Igreja lh'o tira; da-lh'o em se vaga: tira-lh'o em se plena (3).*

Uma qualidade, que o sugeito ora recebe, ora perde, não lhe é essencial, mas accidental, e contingente; *non ex natura sua*: mas *ex delegatione Ecclesie (4)*. Podemos por tanto concluir: Logo

2.º *«Ainda que ficasse nas mãos do Cabido o poder de nomear, não reside nelle essencialmente.»*

CONCLUSÃO GERAL

destas tres preposições

São falsas, injustas, e calumniosas as imputações, que se fazem ao Bispo de Coimbra=de prevaricador do seu officio=de não ter cumprido em tempo competente o decreto do Concilio=de ter abandonado por tanto a Igreja de Braga=e de pouco zelo daquela Igreja etc. etc. Deve-se mais que o Concilio não tem providenciado o caso de negligencia do suffraganeo, é por que já o direito anterior o tinha prevenido no Cap. acima citado.

Resta-nos ainda satisfazer a um escrupulo para que quanto nos fôr possível, nada fique sem resposta, e que tanto reparo tem causado, e a que deram occasião as palavras, que o Bispo lançou na sua nomeação=*quousque opportunus per Apostolicam sedem provisum fuerit*=sobre que tantas perguntas, e supposições se tem feito. Expliquemos pois este mysterio.

Não se ignorava em Roma a arbitrariedade e o abuso, com que se faziam em Braga as eleições de Vigarios Capitulares; desordem, que não dava pouco cuidado ao Santo Padre; porém a maxima providente e justa da Sé Apostolica em não intrometer-se nas funções, que por direito estão encarregadas aos Bispos, fazia-lhe esperar que o suffraganeo mais antigo, que então era o Bispo d'Aveiro, atalhasse o progresso do mal com a providencia, que o concilio Tridentino lhe prescrevia; por outra parte a Curia Romana sempre circumspecta no manejo daquelles negocios, que a podem

complicar com os governos politicos das nações, não queria empregar os remedios heroicos, esperando que os caseiros produzissem o effeito desejado, e limitou-se aos palliativos, concedendo graças, licenças, e jurisdicções aos ecclesiasticos, que lhe requeriam, com a especial graça de as poderem communicar, e subdelegar a sacerdotes benemeritos, como acima deixamos dito: assim passaram as cousas até ao fallecimento do mencionado Bispo.

As cousas foram sempre continuando de mal em peor até que se julgou necessario estimular a attenção do suffraganeo, que já então era o Bispo de Coimbra, sobre as necessidades da sua metropole; foi o Bispo avisado por ordem do Santo Padre, mas as circumstancias tão infelizes, em que este Prelado se achava no maior apuro dos seus trabalhos, de maneira que passaram muitos mezes primeiro que a carta lhe fosse entregue; atnal em um intervallo de bonança pôde receber a carta de Roma; cuidou logo em satisfazer ao seu dever; podem, notando o muito que a carta lhe fôra retardada, e vendo nella que no caso de não haver providencia, a Sé Apostolica se lembrava de nomear Delegado Apostolico para a Diocese Bracharense; reflectiu, que, attendida a grande demora, que tinha havido nesta correspondencia, podia ser muito bem que a Sé Apostolica tivesse recebido as suas apontações, quando recebesse a participação de ter satisfeito ao seu dever; para evitar pois collisão de titulos julgou prudentemente modifical a sua nomeação com aquella clausula; e a experiencia mostrou que se não enganava; pois que eram passados dois mezes que o Pereira estava de posse do seu titulo, quando appareceu no Arcebispado o diploma de Fr. Antonio de Vinhaes, que o instituia administrador provisorio por um biennio na Igreja Bracharense; conheceu-se então a sabia providencia do Bispo. A' vista deste diploma e da modifcação, que Pereira via no seu, suspendeu logo a diligencia, que projectava, de obter do governo a necessaria permissão para o exercicio do seu emprego. Não tardou muito que chegasse a Roma a noticia de todos os acontecimentos. Ordenou, pois, o Santo Padre a Sagrada Congregação encarregada dos negocios ecclesiasticos deste Reino, o exame particular do estado espirital d'aquella metropole, e o consultasse sobre a definitiva decisão, que convinha dar-se para acudir ás necessidades urgentes d'aquella Diocese: o resultado foi declarar S. Santidade *bem feita, legal, e canonica* a eleição feita pelo suffraganeo, e mandar recolher o diploma de Fr. Antonio, e terminar-lhe a sua administração. Eis aqui o que deu occasião ao attestado remettido ao padre Pereira pelo Secretario da mencionada

(1) S. João cap. 20, v. 21.

(2) Act. dos Apóstolos cap. 20, v. 28.

(3) E lhe determina, e prescreve os limites e as condições, que os cabidos já mais podem, nem devem ultrapassar, ou preterir.

(4) Eybel, Van-esp. et omnes passim.

Congregação, e que o mesmo padre cuidou logo em apresentar ao governo.

Segue-se d'esta exposição, que aquella clausula não foi dictada, nem por *duvida* que o Bispo tivesse do poder, nem da *md fê*, que nelle houvesse, nem des-
ses fins politicos que se presumem, e que são o pretexto sempre prompto para fazer odiosos procedimentos innocentes, e muito alheios de semelhantes vistas.

§ 2.º

Continuemos a nossa discussão, e tratemos de responder ao argumento deduzido da supposta maior antiguidade do Bispo de Vizeu relativamente ao de Coimbra, deduzindo-se d'aqui, ser aquelle e não este o designado pelo concilio; que o Bispo de Coimbra illegal, e temerariamente se introduziu neste negocio, e que foi um verdadeiro usurpador dos direitos do collega.

RESPOSTA

Este argumento, com que se tem feito tanta bulha, e se propõe com estrondo, e aparato, é, em quanto a mim, de todos o mais futil, e insignificante. Nós vamos destrui-lo, e fazer que desapareça o prestigio pelo methodo, que vamos seguindo, isto é estabelecendo, e provando a sua contradictoria.

Lisboa—1884.

(Continua.)

P.º ALFREDO EL-VIRO DOS SANTOS.

Secção Parlamentar

É tão raro escutar-se a voz dos Prelados em meio dos legisladores portuguezes, que não podemos deixar de archivar nas paginas da nossa Revista os discursos que ha pouco fizeram na Camara dos Pares os Ex.^{mos} R.^{mos} Srs. Bispos da Guarda e Vizeu.

Deus queira que esta secção, que hoje

abrimos, não deixe nunca de ser preenchida, porque é signal de que a voz do Episcopado retumba sob as abobadas das salas parlamentares.

Discurso de S. Ex.^ª R.^{ma} o Sr. Bispo da Guarda em sessão de 29 de março.

O snr. *Bispo da Guarda*:—Snr. presidente, antes de entrar no assumpto, para que pedi a palavra a v. ex.^ª, e sendo esta a primeira vez que tenho a honra de levantar a voz n'esta augusta

Mas, snr. presidente, a minha falta não era sentida aqui; outros deveres não menos importantes pezam sobre mim; presido a uma diocese que tem trezentas e cincoenta e sete parochias; tomei ha pouco tempo posse d'ella, e foi precisa a minha presença lá, faltando por isso ás sessões d'esta casa.

Snr. presidente, eu procuro sempre evitar questões pessoases, mas nem sempre posso evital-as completamente.

O assumpto sobre que eu pedi a palavra a v. ex.^ª tem alguma cousa de pessoal, mas eu entendo que não fica mal a ninguem defender os seus direitos

e procurar afastar de si tudo que possa contribuir para se formar um conceito menos favoravel.

Mas o objecto de que se trata não é meramente pessoal, e eu faltaria ao que devo a mim, á camara, de que sou membro, á religião, de que me prézo de ser ministro, e ao paiz, de que me honro de ser cidadão, se o passasse completamente em silencio.

Vou fazer a exposição d'elle, em brevíssimas palavras.

Snr. presidente, sou novo n'esta casa e inexperiente n'estas lides parlamentares, e por isso eu peço a v. ex.^ª que me advirta, se eu infringir o nosso regimento.

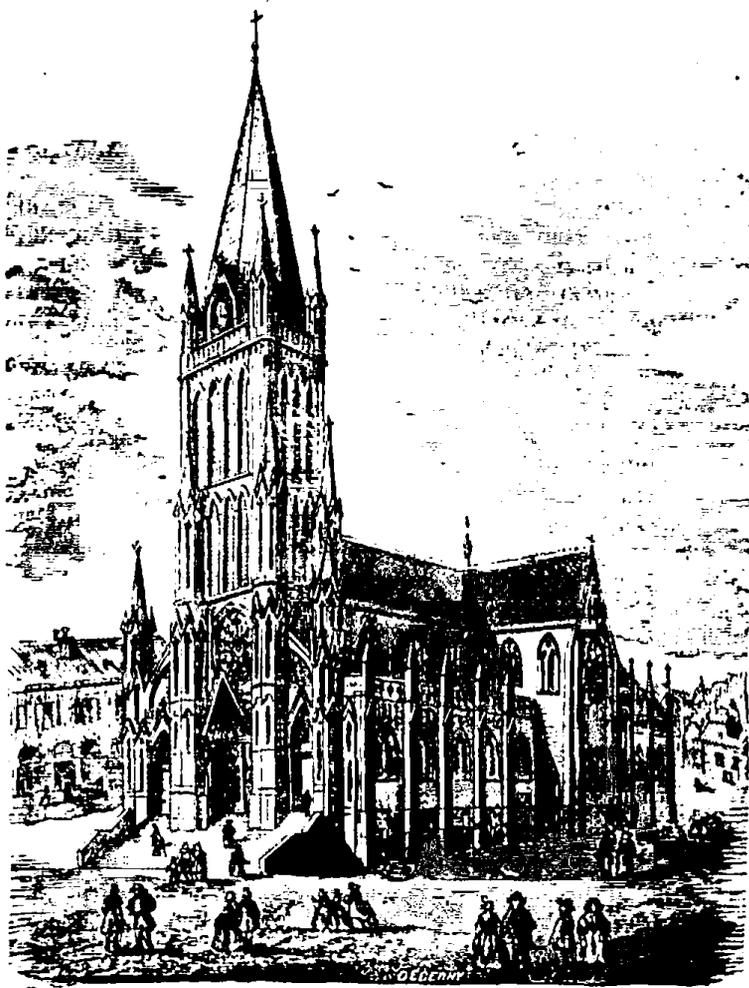
Em sessão da camara dos senhores deputados de 12 de março, foi apresentada uma exposição ou requerimento de um ecclesiastico da nossa India, o snr. José Pedro Sant'Anna da Cunha, em

assembleia, a primeira assembleia politica do paiz, peço desculpa da ousadia que tomo de fallar perante ella, pedindo ao mesmo tempo indulgencia para as faltas que tenho commettido e que de futuro commetter, não assistindo ás suas sessões.

Eu estou n'esta casa, não por hereditidade, nem por eleição, nem por nomeação, mas por direito; este direito impõe também obrigações, e uma d'ellas é a de tomar parte nos trabalhos d'esta casa.

que fez uma longa enumeração dos seus muitos serviços prestados nas nossas missões do oriente, em Singapura, queixando-se da injustiça que se lhe faz mandando-o recolher a Goa inesperadamente, e pede ao governo a sua protecção, e chama para este objecto a attenção dos senhores deputados da nação portugueza.

Devo dizer á camara que esta exposição é concebida em termos convenientes, e que n'ella nem sequer se faz menção do prelado que então governava



LONGUEIRA E A SUA EGREJA MATRIZ

Goa e as missões do real padroado portuguez.

Este requerimento ou exposição foi apresentado na camara dos senhores deputados pelo snr. D. José de Saldanha.

Não me referiria a este illustre deputado se tivesse de proferir qualquer palavra que lhe podesse ser desfavoravel.

S. ex.^a pertence a uma familia distinctissima, que tem prestado grandes serviços á humanidade soffredora e ignorante, e cujos serviços já foram applaudidos n'esta casa, onde está representada pelo digno par, o snr. conde de Rio Maior. *(Apoiados.)*

Associo-me completamente a estes applaudos, e julgo que não procedo inconvenientemente, fazendo referencia áquelle e outros illustres deputados que apoiaram a exposição do reverendo Sant'Anna da Cunha, declarando-o benemerito do padroado portuguez e da patria, victima de equívocos e de injustiças, chamando para este assumpto a attenção do paiz e do governo, pedindo uma syndicancia aos actos d'este ecclesiastico e attribuindo este estado de cousas á anarchia dos serviços do padroado portuguez na Africa e na India.

Tenho governado dioceses do ultramar por espaço de onze annos; residi cinco annos na de Angola, e dois annos governei o arcebispo primaz do Oriente, e as vastas missões do real padroado.

Não costumo declinar a responsabilidade dos meus actos, assumo-a inteira.

Em 1881, epocha em que se deram os factos a que me tenho referido, governava eu como vigario capitular o arcebispo de Goa e as egrejas do padroado como delegado apostolico.

Faço esta declaração porque entendo que, procedendo de outra maneira, procederia menos nobremente, porque as pessoas menos sabedoras das cousas da India poderiam pensar que a responsabilidade d'estes factos compete, ou aos prelados anteriores, ou ao actual arcebispo de Goa.

Alguns responsabilidade, é verdade, compete ao actual arcebispo primaz, e logo direi em que.

Snr. presidente, este ecclesiastico, segundo elle diz, e eu não contesto, foi mandado em 1874 para Singapura na qualidade de coadjutor.

Note v. ex.^a que foi na qualidade de simples coadjutor, e que n'esta condição tinha casa, cama e mesa dada pelo vigario, e uma pequena subvenção paga pelo estado.

Serviu a egreja de S. José de Singapura na qualidade de coadjutor desde 1874; lá o contreei e conservei até 1881, e lá continuaria, se o julgasse conveniente.

Não podia servir contra a vontade do vigario missionario, com quem se tornára incompativel. O estado pagou-

lhe a passagem de ida e volta, e a sua congrua.

Até certo tempo este ecclesiastico, segundo as informações que tive, prestou bom serviço; mas snr. presidente, o homem não é impeccavel nem incorregivel.

Ao prelado de Goa, assim como a outro qualquer, assiste o direito de mandar os padres, que lhe estão sujeitos, para onde julgue conveniente ao serviço, e a estes incumbe obedecer.

Não ha direito contra direito, e onde não ha offensa de direito não ha injustiça.

Ao prelado pertence mandar maior ou menor de outra sorte haver administração ecclesiastica.

E' acto de mera administração.

Assim se fez antes, então, e se fará depois.

Os missionarios são amoviveis, e o prelado, que tem a responsabilidade, deve tambem ter a liberdade dos seus actos.

Julgou-se de certo tempo em diante inconveniente a permanencia d'este ecclesiastico em Singapura, e mandou-se regressar a Goa.

Não se lhe impoz pena, nem censura, estando por isso habilitado a ganhar a sua vida, podendo ser empregado em outro serviço, se o merecesse.

Podia ficar por aqui.

Mas, snr. presidente, o queixoso falla dos seus grandes serviços, que eu não allirno, nem contesto, nem deprecio, falla das injustiças que lhe foram feitas, dos inconvenientes e males que resultaram para o nosso padroado da sua inesperada retirada, e é necessario, por isso, que eu diga á camara as razões que tive para proceder como procedi.

As egrejas que estão sob a jurisdição do padroado do Oriente são vastissimas, e é impossivel a um só prelado olhar por ellas convenientemente.

Nós temos, alem das egrejas do arcebispo de Goa, os vicariatos do norte com a sêde em Bombaim, dos Gates e do Canara, pertencentes ao arcebispo, e as de Cochim, Cranganor, Ceylão, Malaca, Meliapor e Calcutá, que pertencem ás missões do padroado.

E' possivel a um só prelado governar todas estas christandades?

Não é possivel.

Já se vê que eu havia de saber o que se passava em Singapura pelo meu delegado; temos lá um vigario geral, um ecclesiastico dignissimo, e que até certo tempo attestou do bom serviço do reverendo Sant'Anna da Cunha, e que é insuspeito; mas depois julgava e informava que era inconveniente a sua permanencia n'aquella localidade.

Os meus antecessores e eu mesmo lá o conservamos por muito tempo, mas chamou-se a minha attenção para as

cousas de Singapura, e especialmente para o procedimento d'este ecclesiastico, foi-me representado pelo vigario geral de Malaca, pelo vigario de Singapura, por muitos christãos, entre os quaes se contava o nosso consul, que elle estava compromettendo a nossa missão e o bom nome portuguez, que se desviara da sua missão sagrada para se entregar a negociações commerciaes, que estabelecera uma casa de negocio em Jahor, em Malaca, que montara de parceria com um chinês uma machina de descascar arroz; que tomara compromissos a que não podia satisfazer; que se apresentavam letras protestadas contra elle e que, por isso que era commerciante, e os seus empregados faltaram á sua confiança, lhes promovêra processos criminaes e inclusivamente a prisão, e que, na ausencia do vigario, não dera boa conta da administração dos bens do seminario de Macau, situados em Singapura.

E' aquillo de que me recordei depois de tres annos.

Os documentos a favor e contra estão na secretaria do arcebispo de Goa.

Como disse, não contesto, nem allirno os seus serviços.

Allega especialmente os serviços prestados á instrucção na criação da eschola de Sant'Anna, os quaes mereceram ser elogiados pelos jornaes do governo inglez, chegando a eschola e os alumnos a obter subsidios e premios do mesmo governo.

V. ex.^a sabe perfeitamente qual é o procedimento do governo inglez nas suas colonias.

Eu tenho por diferentes vezes ouvido apreciar diversamente e mesmo desfavoravelmente o governo inglez, mas eu penso que esta nação e os seus estadistas têm grandes virtudes e grandes qualidades e aptidões governativas.

Se têm defeitos, não quero fallar d'elles aqui, e é meu costume calar quando não posso elogiá-los.

O snr. presidente do conselho de ministros disse aqui ha poucos dias que a nação ingleza era uma nação pratica, e eu estou perfeitamente de accordo, é essencialmente pratica, talvez pratica de mais.

Ha porventura na sua historia nuvens e mesmo nodos, tem os defeitos das suas grandes qualidades, mas quem não tem alguns?

Conquistou e possui colonias para as desenvolver e civilisar em proveito da metropole e d'ella, e cuida dos seus melhoramentos materiaes e moraes.

A nossa missão de Singapura está em territorio inglez, e eu creio que a nenhuma nação é indifferente este assumpto de instrucção, e que se não deve fazer á Inglaterra a injustiça de crer que ella não cura da instrucção nas suas colonias.

(Continúa.)

Secção Critica

CARTA DO FUNCHAL

No dia 23 de março proximo passado houve no grande salão do Paço Episcopal d'esta cidade uma festa litteraria, feita pelos alumnos d'uma das escholas sustentadas por S. Ex.^a R.^{ma} o Snr. D. Manuel A. Barreto. Começou esta sympathica festa por um hymno ao glorioso S. José, que foi n'este dia eleito Patrono d'aquella eschola.

Em seguida houve diversas recitações em prosa como em verso, nas quaes revelaram muito aproveitamento aquellas felizes creanças, que na sua maior parte, haviam sido pouco tempo antes arrancadas à vadiagem, pela mão sempre bemfazeja do nosso caritativo Pae e Pastor.

Além de S. Ex.^a R.^{ma} assistiram a esta academia muitos ecclesiasticos, bem como o Snr. Inspector das escholas e outros cavalheiros.

O Snr. Alexandre Gonçalves Rocha, intelligente e piedoso professor d'aquella casa d'instrução, subiu à tribuna, d'onde, n'um magnifico discurso, mostrou à numerosa assembléa, que o escutava silenciosa, o desenvolvimento que tomara aquella eschola durante os ultimos tempos...

Mostrou como hoje, mais do que nunca, são necessarias casas d'instrução, onde, à medida que se desenvolvam as faculdades intellectuaes da juventude, se infiltrem tambem em seus tenros corações, os principios da sã moral. Foi felicissimo o Snr. Rocha em todo o resto do seu bem elaborado discurso e não podemos fugir à tentação de transcrevermos aqui algumas de suas palavras que nos ficaram de memoria—«A gangrena moral vae ganhando progressivamente Portugal. O ambiente que nos rodeia está impregnado de putrefacção. O paiz decompõe-se como o cadaver e reduz-se pouco a pouco a um montão de ruínas. Nada de gentis illusões; a verdade descarnada é esta. O theorema social caminha, e postos os principios deleterios, repugnantemente realistas que desno-team a sociedade contemporanea, os collararios practicos vão-se desdobrando fatal e regularmente. Os nossos costumes, por consequencia, offerecem com uma ostensibilidade cada vez mais pungente os espectaculos de cynismo e de glacial indiferença religiosa que por aqui campeam.

Onde a redempção social, onde a salvação do paiz? Digamol-o já; a salvação do nosso paiz, como de todos os paizes, está na educação religiosa da juventude.»

Este pedaço bem pode comparar-se a qualquer dos melhores trechos dos nossos bons escriptores.

Pouco depois, como que por incanto, appareceu na tribuna o Snr. João Augusto de Ornellas, dignissimo e illustrado redactor do periodico o «Direito». S. Ex.^a, com aquella verbosidade que aqui todos lhe conhecem, discursou larga e poeticamente sobre os motivos que o levavam áquelle logar d'onde tantissimas vezes, disse, se ouviam maravilhas.

O campo que se lhe desenrolava ante os olhos era realmente vasto e o orador soube tirar, das mais pequeninas circumstancias, as mais felizes e poeticas considerações. A palavra correu-lhe muito facil.

Recitou tambem, e muito a proposito, algumas quadras da poesia do Snr. T. Ribeiro intitulada «a Caridade»; escusado será dizer-se que esta recitação realçou o mais possivel o seu formoso discurso.

Consta-nos tambem que o Snr. Inspector estava resolvido a fallar, porém uma inesperada dor de cabeça, sobrevinda à ultima hora o defendeu do seu intento.

Concluiu-se esta festa agradabilissima com um discurso do nosso digno Prelado, no qual claramente se entrevia o seu zelo ardentissimo e o entranhado amor que consagra ao rebanho que o ceu lhe confiou.

—O «Povo» continua cada vez mais malcreado, e a *confadona* «Republica» vae-se tornando incapaz de correção.

O club «Washington» funcionou, funciona e funcionará para o futuro, porém não ha esperanças de que venha a tomar juizo se é certo o que rezam as profecias.

Ha tempos dizia um orador dos de lá, suspenso nas *mulctas*. . . do enthusiasmo—«Se houver revolução eu serei o primeiro a me pôr na rua.» Como quem diz—«Se houver *chimfrineira* eu serei o primeiro a fugir de casa.» E dizem que enthusiasmo o auditorio. Limitar-nos-hemos a dizer que sempre houve, ha e haverá muito tolo n'este mundo.

—A cidade e as freguezias circumvisinhas são actualmente infestadas por um bando de larapios que se entregaram ao prosaico officio de exigir a bolsa ou a vida do pacifico transeunte nas estradas, e incommodar nas suas habitações os cidadãos inoffensivos.

E' voz publica que os taes cavalheiros d'industria, que são bastante numerosos, tem constituido uma sociedade bem organizada com seus estatutos e reunioes regulares. Resta agora averiguar qual a forma de governo que elles tem adoptado. Será a Republica. . . ? O «Povo» que o diga. . .

12 d'abril de 84.

ATHAYDE.

Secção Illustrada

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Mono
(pae dos sabios)

Os filhos do figurão de quem damos hoje o retrato na primeira pagina da nossa Revista, teem chegado a occupar os mais importantes cargos na republica das lettras, e tanto n'este jardim á beira-mar plantado, como em paizes mais adiantados, tem elles feito *brilhantes* figuras, porque saíram d'essa *rancosa* estrada por onde caminharam os Patriarchas da antiga lei, os Profetas, e esses Apostolos da verdade, que foram mandados por Jesus Christo a ensinar todas as gentes.

E isto não obstante, nem os proprios filhos, nas publicações que redigem, teem dado o retrato do pae, apesar de se honrarem assás com um tal parentesco. Sejamos nós os primeiros, nós, os reactionarios, os filhos das *trevas*, que teem illuminado o mundo, quem primeiro dê o retrato, e em lugar de honra, do avô de muitos *sabios*.

Elle lá está, na primeira plana do *Progresso Catholico*, em attitude de bater palmas, por ter a gloria de vêr os netos chegarem a occupar as cadeiras universitarias e as do curso superior de lettras. Que gloria para o filho das selvas, para o habitante dos sertões, para o companheiro do Chimpanzé e do Orango! E se os netos d'este *patusco*, que lembra um jumento em pé, chegaram a ser lentes n'uma universidade, o que não chegarão a ser os netos!

O que faz pasmar é apparecerem de repente lentes e professores de cursos superiores, filhos do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Mono, e não se descobrirem vestigios de uma escola onde os Monos preparassem os moninhos para seguirem uma carreira litteraria!

Pois nem ao menos ha noticia de que em algum tempo um filho de Mono percorresse as aldeias a compor louça velha, ou a vender limonada fresca nas romarias ou repertorios pelas feiras, e ha noticia de haver filhos de Mono guindados ás mais altas honrarias da sciencia positivista?

Como explicar este facto? Não sabemos. Sabemos unicamente que ha homens que passam e querem passar por muito intelligentes, por muito sabios, por muito illustrados, e que fazem publica confissão de que descendem em linha recta do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Mono, de quem damos o retrato. E por sabermos isto já nos julgamos mais sabio que elles, apesar de terem descoberto a raça de onde procedem, porque tambem ficamos sa-

bendo que os taes *sabios* não tem parentesco algum com a nossa pessoa.

Admire-se o retrato do pae dos *sabios* macaqueiros!

II

Longué e a sua egreja matriz

No departamento de Maine-et-Loire, em França e na margem esquerda de Lathan estende-se uma pequena cidade, com uma população de perto de 4500 habitantes, gente laboriosa, que sustenta activo commercio de gado, cereaes e madeiras. Tem magnificas fabricas de cortumes, excellentes fundições, fornos de cal, etc. etc.

Esta pequena cidade é Longué, nos arredores da qual existem vestigios de uma via romana, e admira-se tambem o castello d'Avoir, de construcção gothica. E' perto d'aqui que se eleva o castello da Sicotière, onde se vêem as ruinas de uma capella e de uma torre de sete andares.

O mais bello edificio religioso d'esta pequena cidade é a egreja matriz, esplendida obra de estylo gothico, notavel pela riqueza de seus ornatos, pelo mimo de seus rendilhados e pela profusão de seus arcos, rematados em graciosos arabescos.

A nossa gravura mostra perfeitamente o alto valor architectonico da egreja de Longué, e por isso nos dispensamos de mais minuciosos detalhes que, por superfluos, se tornariam massadores.

R.

Secção Bibliographica

Piedosos exercicios em desagravo ao SS. Sacramento.

—O respeitavel sacerdote snr. Padre Antonio Fernandes Cardoso, nome bem conhecido já como um dos mais fervorosos obreiros na vinha do Senhor, acaba de colleccionar e fazer imprimir alguns piedosos exercicios PARA SERVIREM NA ADORAÇÃO REPARADORA DAS QUARTAS-FEIRAS DE CADA SEMANA.

Os nossos leitores sabem, porque n'esta Revista se publicaram em tempo competente, as determinações da Santa Sé respeitantes á Adoração reparadora ao Santissimo Sacramento; é para essa pia devoção que servem os exercicios que ora annunciamos e muito recommendamos.

Transcrevemos a *Advertencia* do R.^{mo} auctor, pela qual se conhecerá os fins d'esta publicação. Eil-a:

«Tendo-se estabelecido em Roma a grandiosa obra pia da *Adoração Reparadora* de todas as nações ao Santissimo Sacramento, pelas blasphemias, he-

resias e desacatos, que se commettem hoje em dia mais do que em outra qualquer epocha, e tendo sido destinado para Portugal o dia de quarta-feira de cada semana, lembrei-me de colleccionar estes *Piedosos Exercicios*, que me pareceram proprios para aquelle fim, em harmonia com a recommendação do R.^{mo} Snr. Director Central do Apostolado da Oração em Portugal.

De certo não está a formula d'estes *Exercicios* nas circunstancias de poder servir para as freguezias populosas, onde a *Adoração Reparadora* se pode fazer com maior esplendor, mas sim para os povos ruraes, onde não ha recursos para maior solemnidade. E' a estes que eu destino estes *Exercicios* como prova dos grandes desejos, que tenho em que Jesus Sacramento por todos seja desagravado.

No fim d'estes Exercicios vae uma formula dos *Mysterios da Corôa de Nossa Senhora* para commodidade d'aquelles, que têm o piedoso costume de a rezar.»

Os pedidos podem ser feitos ao R.^{mo} Arcipreste Antonio Fernandes Cardoso, Pampilhosa—Louzã, ou ao *Progresso Catholico*.

Discurso recitado na sala da Associação Catholica do Funchal.

—A delicadeza do auctor, o illustrado alumno do 3.º anno theologico do Seminario do Funchal, o Snr. Alfredo de Paula Sardinha, devemos a posse do esplendido discurso, que por occasião do 6.º anniversario da eleição do Santo Padre Leão XIII, fôra recitado na Associação Catholica da capital da Madeira.

Os nossos agradecimentos pela offerta, não só, mas pelo fogo ardente com que o auctor se apresenta defendendo a Egreja, combatendo a impiedade, mostrando-se em todo o discurso um catholico decidido, um d'esses catholicos á altura das actualaes circunstancias.

O Snr. Alfredo de Paula Sardinha, ha de ser um padre, verdadeiramente um padre.

Receba S. S.^a um aperto de mão de um dos seus mais humildes admiradores.

Devotas aspirações d'uma alma ao seu Jesus.

—Com este titulo acabamos de receber um livrinho que bem merece ser lido, que boas horas deve fazer passar a quem se dispor a lê-lo.

E' uma collecção de formosos versos, todos dedicados ao Santissimo Coração de Jesus, e um methodo de fazer a Via-Sacra, com todo o fervor. O auctor esconde-se entre quatro letras—F. M. C. C., mas bem conhecido nosso é o editor, o R.^{mo} Padre Joaquim José Coelho de Sequeira, nome bastante para que nós recommendassemos o livrinho, se não acres-

cesse a isso o ter elle a approvação de S. Ex.^a R.^{ma} o Snr. Arcebispo de Mytilene, hoje Arcebispo Primacial de Braga.

O seu preço é de 70 réis, e vende-se: Em Aveiro, casa do R.^{mo} Snr. Padre Manuel da Silva J.; no Porto, rua das Flores, 224; em Braga, na sacristia do Carmo. Nos mesmos locaes se vende a musica para cantar alguns versos do livro *Devotas aspirações*, de que tambem recebemos nm exemplar.

Não nos cansaremos nunca de recommendar publicações que tenham por fim louvar o Sagrado Coração de Jesus, e é por isso que recommendamos as DEVOTAS ASPIRAÇÕES D'UMA ALMA AO SEU JESUS.

Ao bondoso sacerdote que tal offerta nos fez, os nossos agradecimentos e mil desculpas por só agora darmos cumprimento a um dever tão sagrado.

Pequeno mez do Sagrado Coração de Jesus.

—Aproxima-se o mez de Junho e por isso vimos recommendar mais uma vez um livrinho importante, que, com o titulo que encima estas linhas, se publicou ha tempos. São piedosos exercicios para o mez de Junho, extrahidos do livro devoto da Donzella, traduzido por um filho de Maria.

Contém o seguinte:—MEZ DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS — LADAINHA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS — CONSAGRAÇÃO AO CORAÇÃO DE JESUS — NOVENA AO CORAÇÃO DE JESUS — INVOCACÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS.

E' um pequeno livrinho de 64 paginas e custa 100 réis. Quem comprar 3 exemplares só pagará 2.

Pedidos a Teixeira de Freitas—Guimarães.

Tesoro Mariano, 2.ª parte do Tesoro de Oratoria Sagrada.

—Estão publicados os tomos IV e V d'esta interessantissima publicação, e verdadeiro thesouro onde o orador sagrado pôde colher formosas flores que desfolhar do pulpito em honra e gloria da Santissima Virgem.

O *Tesoro Mariano*, de que, como já dissemos, estão publicados 5 tomos, trata das seguintes materias:

1.º tomo: *El Jardim Mariano, ó sea: la Santissima Virgen simbolizada en las flores.*—2.º tomo: *La Virgen de Nazareth considerada en los principales pasos de su vida.*—3.º tomo: *La verdadera devocion á la Santissima Virgen.*—4.º tomo: *Novenarios para las principales festividades de la Santissima Virgen, y septenarios de las Dolores.*—5.º tomo: *Las virtudes de Maria Santissima.*

O preço de cada volume é: 1.º, 2.º e 5.º, 600 réis cada um; 3.º e 4.º, 900 réis cada um.

Vendem-se todos ou separados. Pedidos a Teixeira de Freitas—Guimarães,

acompanhados da respectiva importancia.

A. DE GUIMARÃES.

Retrospecto da quinzena

O ARTIGO da nossa primeira pagina—*Quando começaremos?* é um vivo incitamento dirigido a todos os leitores do *Progresso Catholico* para que ao menos se comece a pôr em pratica o unico meio que nos resta de livrar a Igreja de maiores damnos, obrigando os governos a serem justos para com ella. Se em alguns *circulos* eleitoraes nada se pôde fazer para já, é certo que, de futuro, se desde já se preparar o terreno se pôde esperar algum fructo. Despertem-se os que dormem e apontem-lhes o perigo, propague-se a ideia de uma *união* exclusivamente religiosa para libertar a Igreja da oppressão em que a tem os poderes publicos, estudem-se os meios de obter bons deputados, converse-se e discuta-se sobre este ponto, e d'este primeiro trabalho já hade resultar alguma vantagem. Em todo o caso comece-se, dê-se principio, que o principiar, em algum circulo, poderá ser já a victoria, o resultado desejado. Mudos e quedos é que se não consegue cousa alguma.

O nosso clero muito pôde, se quizer, e nós abundamos nas ideias do nosso collaborador porque collocando-se cada parochia á frente da sua parochia, sem se importar mais com os partidos politicos, e dirigindo o povo sómente a este fim de obter deputados catholicos e aptos para no parlamento constituirem uma força moral em proveito da religião e da Igreja, o meio hade vingar infallivelmente.

O mez de maio, o mez formosissimo das flores, que fôra consagrado á Virgem Mãe de Deus e nossa Mãe, não podia passar esquecido pelos vimaranenses. E não passou. Assim como nos campos ha flores, para embellezar a natureza, tambem no templo ha flores, para embellezar o altar da Virgem; como nos campos ha perfumes, que as brisas levantam das flores, agitando-lhe o calice, ha tambem perfumes no templo, levantados do incenso, queimado em honra de Maria; como nos bosques ha o canto suavissimo das avesinhas, saudando o Creador, tambem no templo se escutam os cantos das filhas de Maria, louvando Aquella que nos consola nas tristezas da vida, nos alenta em meio das luctas terrenas, nos enche de graças, nos adoça todas as amarguras, nos abre as portas da Bemaventurança.

Ila a Primavera em toda a parte, ha alegrias em todos os corações.

Agradeçamos ao Senhor o deixar-nos

vêr mais uma vez as flores da Primavera, e agradeçamos ás pessoas devotas que não deixaram morrer a sympathica devoção do Mez de Maria, quando por toda a christandade se commemora ruidosamente o primeiro centenario da sua instituição.

Continua a fallar-se na sahida de Sua Santidade de Roma, mas por enquanto nada ha resolvido a tal respeito. O principe de Lichtenstein, um dos mais ricos proprietarios da Allemanha, e senhor de um estado de 160 kilometros quadrados, sobre o Rheno, offereceu seus estados ao Santo Padre, para alli residir. Tem celebrado muitas conferencias com o cardeal Jacobini, o principe de Monaco, tenentes tambem ao mesmo fim.

—A noticia que vamos dar fez grande espanto entre os revolucionarios Italianos. Visitaram o Papa os principes de Wurtemberg (ramo catholico), recebendo das sagradas mãos do Representante de Jesus Christo a sagrada communhão. Do Quirinal nem se lembraram, e se se lembraram foi, certamente, para maldizer o actual habitante d'essa casa rouhada á Igreja.

—São muito commentadas as ultimas conversões que se teem realisado na Italia, avantajando-se sobretudo o que se diz da entrada no gremio da Igreja da condessa Giannotti, esposa do mestre de ceremonias da côrte de Humberto.

Não morreu ainda na Russia o nihilismo, nem morrerá assim com a rapidez com que o governo do Czar o que- reria estrangular.

Os presidios da Siberia, a força, as mais serias perseguições contra os sectarios do *nada*, nada teem podido. Mudou-se agora de tactica, e parece-nos que o negocio será mais serio, produzirá mais felizes resultados. Trata-se nada menos que ensinar aos russos a doutrina catholica, e para isso foi encarregado o Padre Vollinger, religioso dominico, de redigir em lingua russa um catecismo para ensinar a Religião Catholica, catecismo que será impresso por conta do Estado.

Façam os russos catholicos, filhos d'essa Religião de amor e desaparecerá o nihilismo.

Os jornaes de Braga vieram confirmar o que pessoas d'aqui, que foram ao Sameiro no dia 27 de abril, nos haviam narrado acerca da importante peregrinação com que a Roma portugueza mais uma vez affirmou a sua devoção pela Santissima Virgem.

Cento e cinco carros de madeira, um formosissimo vaso para as Sagradas Particulas, e duas cortinas de damasco, constituíram as offertas que no dia 27 os bracarenses depozeram aos pés da

Virgem do Sameiro. A carreada de madeira, foi offerta dos lavradores das freguezias que cercam a cidade, o vaso da diva da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria das Dores, e as cortinas mimo das vendeiras de louça.

As demonstrações de regosijo com que a cidade de Braga realiso a imponentissima peregrinação, não podem descrever-se aqui, nas columnas de um quinzenario; mas o nosso entusiasmo, o prazer e boa vontade com que adherimos á fervida devoção dos bracarenses, esse proclamamol-o bem alto, porque os rasgos de dedicação e amor dos bracarenses para com a Santissima Virgem, casam-se perfeitamente com as nossas aspirações de catholico e portuguez.

Mil parabens mais uma vez, e que a Immaculada Virgem abençoé todos os vossos cultos, todas as vossas demonstrações de affecto para com Ella, e abençoé tambem todo este povo, que, depois de tantas glorias alcançadas pela cruz, parece prestes a dormir o somno da indifferença, á sombra da mesma cruz, e amortalhado na bandeira que, hasteada em Ourique, chegou com suas dobras a cobrir o mundo inteiro.

Já se acha publicada a famosa Carta Encyclica do Nosso Sanjo Padre, sobre a maçonaria. Publical-a-hemos n'um dos proximos numeros.

A mais vasta associação, a que mais associados reupe sob a sua bandeira, a que mais fructos produz, em Portugal, é, ninguem o contestará, o *Apostolado da Oração, Liga do Coração de Jesus e Communhão reparadora*.

De anno para anno estende ella seus braços robustos por todas as terras onde a sua influencia providencial não haja chegado ainda, e o numero de seus associados cresce aos milhares. Pelo relatório do anno de 1882-1883 vemos que n'este anno tivera um augmento de 72:172 associados, sendo o numero total em todo o reino de 564:276, afóra os associados de 2.º grau, cuja cifra se eleva a 288:810.

Quando isto succede em Portugal, o que será esta associação em todo o mundo catholico?! Em Portugal estende-se ella por todas as terras, e aqui em Guimarães, onde parece reinar uma indifferença pasmosa pelas cousas da Igreja, conta ella 2:472 associados!

Resta que nós digamos aos espiritos fortes os fins d'esta imponente Associação, e o quanto ella trabalha para derrocicar a *liberdade*. Digamos o que ella fez no anno de 1882-1883:

Mandou rezar 7:372 missas!

Fez celebrar 1:479 festividades ao Divino Coração!

Fizeram-se 1.435:627 communhões de devoção!

Obras pias e de caridade, conta-se cada uma por milhões!

Eis-ahi ficam descobertas as armas de que se serve o fanatismo catholico para travar o carro audacioso da Revolução, que ha muitos annos roda por sobre o solo da Patria.

Querem os nossos leitores saber o que faz a sympathica Associação da Santa Infancia? Além de se encarregar da educação de CEM MIL creanças nos diversos azylos que tem espalhado por todo o mundo, fez baptisar em terras d'África, no anno de 1882 umas 400 MIL creanças!

Se ha no mundo alguma sociedade philantropica, que seja capaz de substituir a Associação da Santa Infancia, venha para a frente, que lhe queremos fazer ovações ruidosas.

Mas como temos a certeza de que essa associação jamais apparecerá, vamos empregando as ovações nos benemeritos do catholicismo, que, felizmente, ainda abundam em Portugal. O Ex.º Sr. Barão do Calvario, de Penatell, é um d'esses benemeritos, porque está sempre prompto para ajudar todos os empreendimentos que tendem para bem da humanidade e esplendor do culto. Ultimamente, dizem os jornaes, emprestou S. Ex.º o dinheiro necessario para a conpostura do orgão que a confraria do

Santissimo Sacramento possui na egreja matriz; e apesar da avultada quantia a emprestou sem juro.

Ações d'estas enobrecem bem mais um cavalheiro, que os titulos de nobreza; porque estes cahem muitas vezes em quem bem mal os merece.

Não ha muito que em Nova Friburgo, no Brazil, certos academicos insultaram, e desacataram de um modo indigno varios missionarios. Tiveram por castigo a impunidade, e os inimigos dos padres bateram palmas.

Os missionarios, porém, haviam de ser vingados, porque Deus não dorme, e com effeito o foram. A mesma tropa de academicos, que aos missionarios dirigira insultos, acaba de fazer o mesmo aos examinadores de desenho do 6.º anno, na escola Politechnica da corte. Receberam os professores com estrepitosa algazarra, queimando bichas de busca-pés, e atroando o edificio com instrumentos de latas velhas. Tal algazarra fez suspender os exames.

Que tal? Estarão satisfeitos os que gostaram do insulto aos missionarios?

Um dia um amigo nosso, dizia-nos, com a alegria de quem havia feito uma descoberta digna de menção honrosa:— Porque é que estaes sempre, os noticiarios catholicos de Portugal, a mostrar

conversões em toda a parte, e as não mostraes acontecidas no nosso paiz?

Do nosso amigo tivemos então pena, e vamos hoje noticiar-lhe uma conversão feita aqui muito perto de nós, em Braga. Ora ahi vae para ficar mais contente, o que diz a *Semana Religiosa Bracurense*, de 30 de abril:

«Um protestante, existente n'esta cidade, converteu-se ao catholicismo, sendo primeiro catechizado na nossa fé, e depois de ter abjurado o erro foi baptisado solemnemente por Monsenhor Rebello de Menezes, hoje pelas 5 horas da manhã, na egreja parochial de S. Lazaro, d'esta cidade.»

E aqui mesmo em Guimarães tambem se tem realizado algumas conversões. No hospital de S. Francisco sabemos de um mação que abjurou seus erros, sendo aliás um *figurão* na chafarica, como mostrava o avental e mais insignias que um cavalheiro d'esta cidade possui ainda como *reliquia*.

Cumprimentamos o nosso collega e companheiro *O Thabor*, valente soldado alistado sob as bandeiras catholicas e que tão bem defende a Egreja no imperio do Brazil, onde vê a luz da publicidade. E com os cumprimentos que lhe dirigimos, por haver encetado o 4.º anno da publicação, lhe enviamos os protestos da nossa estima.

J. DE FREITAS.

OS AMIGOS DO 'PROGRESSO CATHOLICO'

NOMES DAS PESSOAS QUE GRANGEAM ASSIGNATURAS PARA ESTA REVISTA

Os Ex.ºs Srs. e as Ex.ºas Srs.ºs:

Padre Domingos P. Pinto de Carvalho.....	1	D. Margarida Augusta Sarmento.....	3
Padre Antonio Luiz de Magalhães.....	1	Padre João Gaudencio de Noronha.....	1
Antonio José da Silva Mendes.....	2	Albino Moreira de Souza.....	7

ANUNCIOS

ULTIMAS PUBLICAÇÕES RELIGIOSAS

APPROVADAS

Pelos Em.ºs Srs. Cardeal-Bispo do Porto e Rv.º Arcebispo Primaz de Braga

THE SOURO MYSTICO

Obra muito util a todo o christão que deseja saber o modo como se deve conduzir n'este mundo, com muitos exemplos e meditações para a oração mental, *Morte e Paixão de Jesus Christo*, e outras muitas devoções e orações collhidas das obras asceticas do Sapientissimo

Santo Affonso Maria de Ligorio

Terceira edição mais correcta e augmentada pelo seu author o Missionario Apostolico João Manoel de Souza Teixeira.

1 vol. de 480 pag. encadernado—360

BREVE COMPENDIO

OU RAMALHETE DE ORAÇÕES E DEVOÇÕES

Actos para a preparação da oração mental, adoptada pelos missionarios; assim como os versos que se cantam nas Missões—terceira edição muito augmentado conforme pareceu conveniente ao Rv.º Sr. Padre Fr. Manoel Marinho Alves da Silva.

1 vol. de 357 pag. encadernado—240

DIRECTOR ESPIRITUAL

DAS

ALMAS DEVOTAS E RELIGIOSAS

Extrahido das obras de S. Francisco de Salles e Santo Affonso Maria de Ligorio, com devotos pensamentos sobre o SS. Sacramento para o Lausperenne de todos os dias da semana; e Missa meditada na Paixão de N. S. Jesus Christo.

1 vol. encadernado—240

CARTEIRA DA DOCTRINA CRISTÁ

Composta pelo Abbade de Salamonde

A. J. de Mesquita Pimentel—nova edição da *Livraria Portugueza*—1884.

Prego—encadernada—100

Todas estas obras se acham á venda em casa do editor—Livraria Portugueza, de Joaquim Maria da Costa—Porto—Largo dos Loyos n.º 55 e 56—Em Guimarães, na Livraria de Teixeira de Freitas—Rua de S. Damaso.

PEQUENO

MEZ DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

PIEDOSOS PENSAMENTOS PARA

O MEZ DE JUNHO

EXTRAHI DOS

LIVRO DEVOTO DA DONZELLA

PELO AUTHOR DAS PALMETAS D'OURO

Obra approvada por muitos Cardeaes, Arcebispos e Bispos

Traduzido da 102.ª edição por um Filho de Maria

1 vol. de 64 pag.—100 rs.

Quem comprar 3 ex. custa o preço de 2—200 rs.

Pedidos a Teixeira de Freitas—Guimarães